

A inveja contra Dona Marisa Letícia

A inveja pode se manifestar como um mal sigiloso, mas, quando transborda as etiquetas, vira uma fúria sem freios

EUGÊNIO BUCCI
16/02/2017 - 15h45 - Atualizado 16/02/2017 16h11



No dia 2 de fevereiro, uma quinta-feira, quando foi comprovada a morte cerebral da ex-primeira-dama do Brasil Dona **Marisa Letícia**, a família autorizou a doação de órgãos. Ato contínuo, as manifestações de ódio contra ela, que já vinham crescendo nas redes sociais, entraram num frenesi macabro sem nenhum senso de proporção, de humanidade e de ridículo. Entre as muitas infâmias, profusas e incontáveis, uma fotografia grosseira trouxe o mais medonho dos insultos. O retrato mostrava a mão direita de um homem, em close. Pelo envelhecimento natural da pele, o espectador sabia que o cidadão já passava dos 60 anos. Detalhe: a essa mão faltava o dedo mínimo e, no lugar dele, projetava-se um dedo de mulher, com unha comprida e esmalte vermelho. No alto da fotografia, um título mal diagramado consumava a agressão: “1º órgão transplantado de Dona Mariza!”. Assim mesmo, com um numeral no início à frase, um “z” no lugar de “s” e um ponto de exclamação.

>> **Cristiane Segatto: O caso Marisa Letícia é só a ponta do iceberg**

Fiquei chocado. Ainda estou chocado. A simples hipótese de que alguém dê risada ao olhar para esse ultraje me dá uma sensação de que não pertencço a este mundo. Fiquei sem saber o que dizer. Aliás, caberia a mim dizer alguma coisa? Refleti sobre isso com um sentimento de vergonha muito grande, vergonha de ter tido os meus olhos colados naquela imagem por alguns segundos. Não seria melhor simplesmente emudecer?

A dúvida me acompanhou até o momento em que comecei a escrever esta coluna. Tenho plena consciência de que, ao entrar nesse assunto e dar os detalhes de uma baixeza tão vil contribuo para dar mais visibilidade, mais projeção e mais alcance a essa mesma baixeza. Por outro lado, não há mais como pensar sobre a fisionomia da maldade que se instalou por aqui sem nomeá-la, sem olhá-la de frente. Ou encaramos o monstro ou não teremos mais como superá-lo – se é que ainda teremos chance de superá-lo. Foi assim que me decidi.

>> Marisa Letícia, a primeira-dama que não gostava de política

Penso nos que violaram os ritos fúnebres de Dona Marisa e me pergunto. O que vai no coração de quem propaga e multiplica um agravo tão rebaixado? Muita gente está tentando entender. Alguns falam em preconceito de classe e têm sua razão. O preconceito de classe pesou e ainda pesa contra Lula e, em especial, contra Dona Marisa, na forma de xingamentos e de demonstrações de repulsa daqueles que, embora não tendo noção de boas maneiras, gostam de se imaginar “por cima”. O preconceito de classe efetivamente existe, mas, do meu ponto de vista, é pouco para explicar o horror a que assistimos na semana que passou.

Até nas guerras, desde os épicos de Homero, as tropas respeitam os cadáveres dos inimigos. Na história dos combates, há inúmeros registros de tréguas para que os corpos dos que tombaram sejam sepultados. Honrar os mortos é um dos (poucos) traços que distinguem os humanos dos outros animais. Por que, então, o preconceito de classe contra Marisa Letícia não foi capaz de observar um minuto de silêncio sequer, um único minuto que fosse? Como explicar tanta brutalidade?

Eu tenho uma hipótese. No caso de Dona Marisa, o preconceito de classe foi temperado, movido e depois incendiado pela paixão baixa da inveja. Estou convencido de que os(as) que a insultaram com seu ódio só agiram assim porque a invejavam – e ainda a invejam.

>> Mais colunas de Eugênio Bucci

O ódio é uma paixão conhecida e já muito bem descrita pelos filósofos e pelos teólogos. Quando destilado pela inveja, o ódio vira uma força bruta que desconhece medidas. Foi por ódio invejoso que Caim matou Abel. A inveja pode se manifestar como um mal sigiloso (como acontece com o escritor que se corrói de ciúme secreto, inconfessável, com a consagração do rival), mas, quando transborda as etiquetas e vai além do véu das aparências, vira uma fúria sem freios. Às vezes, essa fúria é coletiva e, aí, é muito pior.

Santo Agostinho escreveu que “a inveja é o ódio à felicidade do outro”. O invejoso teme que sua própria irrelevância seja desmascarada pela glória de alguém que ele julgava inferior. Ora, Dona Marisa, sem nunca ter sido acometida dessas afetações das candidatas a madame, conheceu mais realizações e mais vitórias do que seus detratores. Hospedou-se em palácios, jantou com reis e rainhas, desfrutou da fama, do poder e dos confortos materiais com que muitos de seus inimigos declarados nem se atrevem a sonhar. Com seu sucesso exuberante, Marisa feriu fundo a egolatria mesquinha dos que se deixaram soterrar pela própria mediocridade. Por isso, eu acredito, ela foi tão odiada. Ao menos no caso dela, o preconceito de classe é sintoma da pior inveja que existe.